

Por que a aldeia é redonda?

Julio Cezar Melatti

Publicado no *Informativo FUNAI*, ano III, n^{os} 11/12, pp. 34-41, 1974.

Modifiquei o título ("Por que a aldeia Kraho é redonda?"), retirei o subtítulo ("Um traço cultural que permanece em mistério"), as fotos e suas legendas, pois foram de iniciativa e escolha dos editores da publicação.

Nesta transcrição alterei a grafia do termo *Kraho* para *craô* e usei a flexão *craôs*, quando no plural; também fiz umas poucas alterações na pontuação.

No final da tarde do dia 13 de janeiro de 1965, entraram numa das aldeias *craôs* os três índios que retornavam da corrida de São Silvestre, da qual tinham participado, em São Paulo. Dentre as pessoas que os acompanhavam, estava um jornalista da *Gazeta Esportiva*, a qual patrocinara a participação dos índios na corrida. Tinha vindo num avião cheio de presentes para os *craôs*, que, na falta de campo mais próximo, pousara muito longe das aldeias. Por isso, o jornalista não pôde permanecer muito tempo, passando apenas alguns minutos na mesma. Não me lembro do nome dele. Falava muito. E, ao ver a aldeia, passou a insistir numa pergunta, que fazia ora a mim, ora aos índios: "Por que a aldeia é redonda? Por que a aldeia é redonda?"

A pergunta era difícil de responder e nem eu nem os índios ensaiamos de lhe dar uma resposta satisfatória. Perguntar a um índio *craô* porque faz sua aldeia redonda seria o mesmo que perguntar à queima roupa a um civilizado por que, entre nós, os homens usam calças. A resposta que um índio dá a uma pergunta desse tipo é muito semelhante à que costumamos oferecer. Ele poderá retrucar: "Os índios fazem a aldeia em forma circular porque os antigos também faziam assim." E nós responderemos: "Os homens civilizados usam calças porque desde meninos foram instruídos de tal modo que não se sentiriam bem sem elas e seu comportamento seria condenado pelas outras pessoas, se aparecessem em público sem calças." É claro que ambas as respostas são insatisfatórias.

Mas os próprios índios por vezes colocam de modo explícito uma outra explicação. Por exemplo, uma vez um líder indígena repreendia os demais habitantes da aldeia porque não estavam, todos eles, dando ajuda coletiva no plantio das roças de cada família. Ele lhes perguntava mais ou menos assim: "Por que as casas estão em círculo? Por que nos reunirmos no pátio?" Suas palavras mostram que o líder associava a forma da aldeia à solidariedade que devem manter entre si os habitantes da mesma. Há, portanto, um outro tipo de resposta. O primeiro tipo de resposta ("porque os antigos também faziam assim") se baseia na continuidade temporal dos costumes de cada sociedade: uma grande quantidade de elementos culturais de que dispõem os membros de uma sociedade são herdados dos antepassados. Mas o segundo tipo de resposta se baseia nas relações que os elementos culturais mantêm entre si: a aldeia é redonda porque essa forma tem algo a ver com a solidariedade que devem manter entre si seus moradores. Portanto, forma da aldeia e solidariedade têm relação entre si. Talvez seja possível examinar essa relação com mais detalhes.

Os índios *craôs*, que habitam o norte do Estado de Goiás [hoje o norte do Estado do Tocantins], dispõem suas casas em círculo. Este círculo não tem o mesmo tamanho em todas as aldeias: seu raio oscila mais ou menos entre 70 a 100 metros. O número de casas também varia de uma aldeia para outra, indo de menos de 10 a mais de 20. Diante das casas, passa um caminho que acompanha a circunferência da aldeia. De cada casa parte um caminho na direção da praça, que fica no centro da aldeia.

Dentro de cada casa habitam várias famílias elementares. Uma família elementar se constitui de pai, mãe e filhos. Entre os craôs a residência é matrilocal (ou uxorilocal), isto é, ao casar o homem passa a morar na casa materna de sua esposa. Portanto, todas as mulheres que moram numa casa nela nasceram; mas os homens casados da casa são todos de fora, de outras casas ou mesmo de outras aldeias. Por isso, as várias famílias elementares que habitam numa mesma casa estão ligadas entre si através de suas mulheres: elas podem ser irmãs ou então mãe e filhas, tia materna e sobrinhas. Ao conjunto formado pelas várias famílias elementares que moram numa só casa podemos chamar de grupo doméstico. O tamanho das casas craôs varia, mais ou menos, entre 17 e 74 metros quadrados, segundo as medidas que tomei uma vez numa das aldeias. O número de pessoas que mora em cada casa não está em proporção com sua área, variando de 3 até 22 habitantes em cada uma. De qualquer modo, chega um momento em que os habitantes de uma casa se acham em número demasiado; então, uma ou mais famílias elementares se retiram da casa e constroem uma outra ao lado da primeira. Desse modo, cada aldeia pode ser dividida em vários conjuntos de casas, cada conjunto tendo origem numa única casa. A um conjunto desse tipo podemos dar o nome de segmento residencial. Na sociedade craô cabem aos indivíduos de sexo masculino as atividades de caça, a coleta de mel, de derrubada das matas para fazer roças, a construção da estrutura da casa, a confecção de arcos, flechas, esteiras, certos tipos de cesto, objetos rituais etc. Aos do sexo feminino cabem as tarefas de cozinha, do cuidado das crianças, a coleta de frutos silvestres, a confecção de outros tipos de cestos, o corte de cabelo etc. Há certas atividades que podem ser realizadas pelos dois sexos, como o plantio e a colheita de determinados vegetais, a procura de lenha para cozinhar e o abastecimento de água da casa. Um homem sabe fazer tudo o que os demais homens sabem fazer; do mesmo modo, uma mulher conhece tudo aquilo que as outras mulheres conhecem. Por conseguinte, a dupla formada por um homem e uma mulher pode fazer tudo o que os craôs sabem fazer. Desse modo, uma família elementar, constituída por um homem, uma mulher e seus filhos, é autossuficiente. De fato, na sociedade craô, cada família elementar constitui uma unidade econômica: cada uma deve cultivar uma roça, de onde tirará seus alimentos vegetais; se um homem vai caçar ou pescar, o produto de sua atividade é levado para sua família elementar; mesmo quando a caçada é coletiva, o pedaço de carne que obtém depois da partilha, leva-o para sua mulher e filhos; os objetos feitos pelo homem ou pela mulher servem, antes de tudo, para o uso da própria família elementar. Se a família elementar é assim autossuficiente, por que vive com outras numa aldeia, ao invés de se isolar, uma vez que basta a si mesma?

Mas essa autossuficiência é ilusória. Se a mãe sai de casa para apanhar mandioca na roça e se, ao mesmo tempo, o pai tem de sair para caçar, com quem ficam os filhos muito pequenos? Poderíamos responder que os filhos mais novos podem ser cuidados pelos mais velhos. Mas, e se o casal é novo e só tem filhos muito pequenos? Se o marido adoece e não pode caçar ou fazer a derrubada? Se a mulher se machuca e não pode por algum tempo sair para fazer coleta ou não pode cozinhar? Se o casal é velho e já não pode se prover de alimento? Todos esses problemas serão passíveis de resolução se a família não vive só, mas ao lado de outras, cujos membros podem socorrê-la nessas situações, constituindo todas um grupo doméstico. O grupo doméstico constitui também um tipo de unidade entre os craôs. Quando dentro dele existe um sogro, este de certo modo coordena o trabalho dos genros, de modo que, enquanto um vai pescar, outro pode ir encoivarar a roça. Quando uma mulher cozinha algo, o alimento assim preparado pode ser distribuído por todos os moradores da casa. Mas é interessante notar que cada família elementar forma um grupinho separado para consumi-lo. Desse modo, diferentes alimentos preparados por famílias elementares distintas são consumidos por

todo o grupo doméstico; desse modo, os alimentos de uma complementam os da outra. Os membros de um mesmo grupo doméstico podem cultivar suas roças em áreas contíguas, embora não tenha de ser assim necessariamente, de modo que os indivíduos de uma família elementar possam vigiar as roças das demais. Seria então o grupo doméstico autossuficiente, podendo viver isolado dos demais?

Mas, pelo menos no passado, o grupo doméstico não poderia viver isolado, pois correria o risco de ser atacado e ver suas roças saqueadas por incursões de outras tribos. O congregar-se numa aldeia juntamente com outros grupos domésticos devia de ser essencial para a defesa. Além disso, as pessoas nascidas no seio de um mesmo grupo doméstico ou de um mesmo segmento residencial não podem casar ou ter relações sexuais entre si, o que as obriga a procurar seus amantes ou cônjuges fora de seu segmento residencial. Tais contactos se tornam mais fáceis se vários segmentos residenciais se reunirem na mesma aldeia. Essa proibição de relações sexuais entre pessoas nascidas no mesmo segmento, não explicado pelos craôs, mas visível através de recenseamento, constitui uma maneira de obrigar os membros de um segmento a fazerem aliança com os membros de outros, estreitando assim a solidariedade entre eles. Assim, o casamento entre núcleos domésticos de diferentes segmentos residenciais e sua reunião numa aldeia atenderia às necessidades de defesa.

Mas esses grupos domésticos poderiam se reunir em aldeias quadradas, elípticas ou mesmo sem forma definida. O que disse até aqui na verdade pode explicar porque os craôs vivem em aldeias, mas não por que essas aldeias são redondas.

Para tentar responder por que a aldeia é redonda, precisamos de examinar os recursos que utilizam os craôs para manterem a aldeia unida. Sugeri que uma das coisas que fazia os grupos domésticos a permanecerem juntos numa aldeia era, no passado, o perigo de inimigos externos. Mas tais inimigos não estavam continuamente ameaçando a aldeia. Nos períodos de paz surgiam, como ainda hoje, uma série de problemas que podiam levar a um afastamento dos grupos domésticos uns dos outros: furto de roças, acusações de feitiçaria, disputas pela chefia da aldeia, desacordos quanto a dádivas matrimoniais. Todos esses problemas levam ao aparecimento de sentimentos de inimizade entre membros de diferentes grupos domésticos. Desse modo, outros elementos suplementam os laços estabelecidos pelo matrimônio entre esses grupos. Entre tais elementos se contam os ritos. Os índios craôs dispõem de mais de quarenta ritos. Em alguns desses ritos se realizam trocas, que consistem no oferecimento de alimento preparado em retribuição de um pequeno serviço, ou de mel, ou de frutas. Essas trocas, ao invés de serem realizadas entre cada homem e sua própria esposa, são feitas entre indivíduos de sexos opostos pertencentes a grupos domésticos diferentes. Esses ritos, portanto, constituem maneiras de reforçar a amizade entre membros de diferentes grupos domésticos pertencentes à mesma aldeia. É interessante notar que nesses ritos, bem como naqueles em que se acentuam as relações de parentesco, a relação ritual se estabelece entre componentes de pares, cada um formado por um homem e por uma mulher. A relação homem/mulher é, por conseguinte, importante nos ritos e ela se mostra também na oposição entre o centro da aldeia e a periferia: no centro se realizam as reuniões dos homens, os rapazes solteiros dormem, passando a noite ao relento; na periferia as mulheres cozinham e os homens ligados a mulheres, seja por serem imaturos, seja pelo casamento, aí dormem. É como se a praça seja um local masculino (mas que pode ser frequentado pelas mulheres), enquanto a periferia, um local feminino. Outrora os mortos eram sepultados perto das casas, ou seja, na periferia da aldeia. Teríamos, pois, também, mortos na periferia e vivos no centro. Na maior parte dos seus ritos os craôs se apresentam divididos em dois grupos, a que podemos

chamar de metades. Há vários pares de metades. As metades de cada par se colocam em oposição e são rivais nas famosas corridas de toras. Esses pares estão associados a símbolos como alto/baixo, leste/oeste, dia/noite, estação seca/estação chuvosa, de dentro/de fora etc. É curioso notar que os ritos, além de representarem conflitos que realmente ocorrem na vida real, como entre homens e mulheres, entre parentes por afinidade, entre aldeias inimigas, transfiguram-nos, através das metades, em oposições entre aspectos do universo, como dia e noite, seca e chuva, animais alados e animais terrestres etc. Desse modo, a hostilidade entre metades é puramente simbólica e não faz parte da disputa política. Seria lícito dizer que as disputas entre metades, como nas corridas de toras, por exemplo, constituiriam um meio de desviar a atenção dos verdadeiros conflitos, contribuindo assim para aumentar a solidariedade? Ao centro estão associados aqueles símbolos que representam os habitantes da aldeia; à periferia, aqueles símbolos que representam os de fora. Assim, as mulheres, os mortos, os inimigos estão associados à periferia: os inimigos obviamente não pertencem ao grupo que assim os considera; os mortos são antigos membros da sociedade, mas que a deixaram; as mulheres, são membros da sociedade, mas não participam dela em sua plenitude, sendo excluídas das decisões políticas e de certos desempenhos rituais.

Desse modo, a forma circular da aldeia, com as casas nas suas bordas e um pátio no seu centro, talvez seja a forma mais econômica de representar espacialmente várias oposições cujos elementos nem sempre ocupam uma posição de igualdade, pelo menos simbolicamente.